
A volta da Criança Cancerosa ao Seio da Família

por
Donald Dilmore Sr., C.L.U.
Gerente e Agente Geral da Western Life Insurance Co.
Dallas, Texas

FONTE: PROCEEDINGS OF THE AMERICAN CANCER SOCIETY'S NATIONAL CONFERENCE ON HUMAN VALUES & CANCER — JUNE 22-24, 1972

Foi como um raio. Numa tarde de sábado ela era uma menina de apenas 4 anos ajudando seu pai a construir um "pátio". A mais nova de 4 filhos e, como os outros três, nunca tivera uma doença séria. Éramos uma família gozando as amenidades da vida: lar bonito, família feliz, tudo correndo às mil maravilhas.

Sua mãe notou a leve inchação em volta de um dos olhos quando as crianças vieram do pátio e, por um ou dois dias, pensávamos que fosse um "olho roxo", porém, o exame nos levou do pediatra ao oftalmologista, dele para o especialista de ouvidos, nariz e garganta, em seguida ao neurocirurgião e, então, caiu o raio. Na véspera do seu 5º aniversário, o médico disse ao pai: "Leve a criança para casa e dê-lhe a melhor festa de aniversário que possa, porque ela não viverá mais de um ano. Ela tem câncer em localização inoperável"

Eu era o pai e fiquei atônito. Que dizer às outras crianças? Como tratar de um ente que não vai viver mais do que alguns meses? Que acontecerá à boa vida e à família feliz?

Muitos outros problemas deviam surgir nos meses e anos que se seguiram. Sim, anos, mas transportemo-nos para o presente, pois, hoje, Helen está viva e com saúde. Com quase 15 anos, ela vai terminar o ginásio este ano. Ela é a primeira percussio-

nista numa banda de música, aluna com distinção e nada quase todos os dias. Se não se olhasse com atenção para o olho artificial não se adivinharia nunca que esta menina de 5'7" e 115 libras esteve doente um dia que fosse. Mentiria se dissesse que não a mimamos, mas é uma boa menina, com a personalidade mais marcante da família.

Aprendemos muito de Helen e de sua experiência e é isto que quero participar aos senhores hoje. Esta palestra não é um tratado psicológico ou uma douta dissertação e certamente não se compara com os sábios documentos apresentados nesta reunião. São simplesmente minhas observações de como nossa própria família encarou um problema — o de ter sua caçula doente com câncer — e o que vou dizer não será nada de novo nem fora do comum.

Não preciso dizer que nossa principal preocupação foi dar a Helen o melhor dos tratamentos. Dúvida: fazer suas malas e mandá-la para uma instituição médica de renome? Mandar a mãe junto? Felizmente tivemos o conselho avisado de alguns bons médicos e resolvemos segui-lo. Acredito que foi esta a nossa primeira lição — a de seguir conselhos. Um dos médicos disse: "Quanto menos o Senhor alterar a vida familiar, tanto melhor. Se Helen seguir sozinha, seu moral sofrerá. Se a mãe for, ela sentirá falta dos outros da família e de

seus amigos, e o resto da família precisa de uma mãe e também da esposa". Assim, ficamos em Dallas. Felizmente Dallas é abençoada de bons médicos e hospitais e Helen recebeu ótimos cuidados. Achamos que foram-lhe proporcionados cuidados tão bons quanto em qualquer outra parte, tendo, além disso, o benefício de estar perto da família e nós também a tínhamos perto.

Aprendemos também a viver um dia de cada vez. Depois de 10 anos, os senhores talvez se surpreendam por que digo "aprendemos", mas isto não é fácil e eu mesmo sei que não o consegui totalmente. Aprendemos a gozar cada dia e tirar-lhe o melhor partido.

O dia em que Helen conseguiu andar numa bicicleta de duas rodas, os muitos aniversários desde o "último", as formaturas de seus irmãos e irmãs, a profissão de fé de Helen como cristã; estes dias se revestiram de especial significação e foram festejados à medida que vinham. Temos tentado não nos preocupar com o que nos trouxe o ano seguinte ou o mês seguinte. Temos tido dias sombrios, como aquele há 7 anos, quando disseram que Helen não sobreviveria a noite, e aquele dia há 3 anos, quando retiraram seu olho. Mas também poderíamos ter passado os últimos 10 anos nos preocupando com o dia de amanhã (e ainda continuando a nos preocupar) tanto que teríamos perdido as coisas boas.

Creio que o melhor conselho veio do Dr. George Balla, a cargo da quimioterapia de Helen. O que seria permitido a Helen fazer? Suas relações com outras crianças, como deviam ser? E o Dr. Balla respondeu: "Quanto mais normais vocês mantiverem as coisas, quanto menos vocês mimarem a menina e a vigiarem, tanto melhor, não somente para ela, como para toda a família". Portanto, é isto que temos tentado fazer. Quando ela quis aprender a andar

de bicicleta, seu irmão a ajudou a equilibrar-se e ela aprendeu. Quando ela queria nadar, nós ficávamos vigiando-a ansiosos ao preferir ela a cabeça debaixo d'água na maior parte do tempo, mas calamos a boca, se bem estivéssemos preocupados. As lições de flauta lhe causavam dores de cabeça e tonteiras e depois de algumas semanas ela passou voluntariamente para a percussão sem qualquer insistência nossa.

Esta atitude tornou tudo mais fácil para as outras crianças. Ninguém mima Helen. Ela é tratada com igualdade. Suas irmãs pedem-lhe emprestado suas roupas, ela tem sua parte de responsabilidade, ninguém jamais é lembrado de que "Helen esteve doente". Quando um olho se foi, a gente se preocupa com o outro, mas Helen não recebe tratamento especial e ninguém a mima.

Depois do primeiro período no hospital, podíamos sentir a ansiedade das outras crianças. Descobrimos um dos meninos, Don, procurando a significação de malignidade no Livro sobre o Mundo. Leitura bastante pesada para a idade de 10 anos. Faziam perguntas e externavam preocupações, sabiam que algo estava errado. Falamos sobre a situação, não tentamos esconder nada, nem nos detivemos sobre o assunto. Nós lhes dissemos que Helen estava muito doente e que poderia morrer, mas o melhor que podíamos fazer era rezar por ela e não ficar por demais atentos ou demonstrar a nossa preocupação.

Acho que podemos chamar a isto "pensamento positivo" até o último experimento e estou persuadido de que isto tem algo a ver com a luta contra o câncer. Helen nunca desistiu e nós nunca desistimos.

Agradávamos Helen mas nunca a mimamos.

O pensamento positivo me leva à fé. Estive sentado na cadeira do oftalmologista há pouco para examinar meus olhos. Este

oftalmologista passou conosco tempos difíceis. Disse-nos uma tarde há alguns anos, que, depois de seis dias sem comida, sem líquidos ou medicação, Helen não sobreviveria a noite. Enquanto examinava meus olhos ele disse: "Don, não sei no que você acredita, mas sei que foi uma força maior do que existe nesta terra que ajudou Helen a atravessar aquele assédio.

Disso não tenho dúvida. Milhares de pessoas rezaram por ela. Há alguns anos fui apresentado a uma senhora que me disse que um amigo lhe falara a respeito de Helen na pior fase de sua doença e, apesar de não conhecer Helen ou nós na época, ela ficou acordada toda uma noite para rezar por ela e isto foi na pior noite. Nossa família crê que Deus atende as preces e isto nos tem ajudado imensamente.

Não é para diminuir a capacidade dos médicos. Aprendemos desde logo que os nossos melhores resultados vinham da colocação de nossa confiança nos médicos de pensamento positivo, dando-lhes carta branca para fazerem o que consideravam melhor.

Há um problema que tivemos de enfrentar e para o qual não encontramos resposta: é a curiosidade dos adultos. É comum uma criança olhar ou mesmo fixar o inusitado, mas encontramos muitos adultos que olhavam Helen e mesmo faziam perguntas rudes, difíceis de enfrentar. Graças a uma operação e prótese, este problema foi muito amenizado, mas tenho pena dos visivelmente incapacitados que são constantemente lembrados de seus defeitos através de olhares e comentários.

Não falamos sobre a doença de Helen. Acreditamos que sua tremenda atitude po-

sitiva, sua própria insistência de que ela recuperar-se-ia tem sido um grande fator na sua sobrevivência. Procuramos encorajá-la não lhe lembrando que esteve doente e deixando que viva uma vida normal.

O resultado final tem sido uma família mais estreitamente unida, reciprocamente mais compreensiva e profundamente leal. Sentimo-nos extremamente afortunados que Helen tenha vivido estes 10 anos. Todos temos feito nossa parte de sacrifício. Minha mulher passou incontáveis horas no hospital, em idas ao radiologista e outros médicos. Os outros filhos tiveram de abdicar a certas coisas e todos fizemos algum sacrifício financeiro, mas temos tido uma vida familiar feliz; creio que uma vida familiar normal e uma melhor filosofia de como conseguir obter mais da vida.

Talvez não tenha dito grande coisa. É como aquela história da menina observando sua mãe colocar creme no rosto uma noite. "Por que você faz isso?" perguntou a menina. "Para tornar-me mais linda" disse a mãe. A gurua olhou fascinada para a mãe retirando o creme com lenços de papel e, suspirando profundamente, disse: "Não ajudou muito, não é, mamãe?"

Não sei mesmo se os senhores podem ajudar uma família a enfrentar este problema de uma criança cancerosa voltar para a família, a não ser insistir que ela mantenha sua fé e mantenha as coisas do modo mais normal possível.

E espero que um dia Helen, os Senhores e eu possamos assistir à descoberta da resposta na derrota do câncer pelos cientistas.